

DO SESQUICENTENÁRIO AO BICENTENÁRIO:
AS PRÁTICAS DO MUSEU NACIONAL ALÉM DAS EFEMÉRIDES DA
INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

FROM THE SESQUICENTENARY TO THE BICENTENARY:
THE PRACTICES OF THE NATIONAL MUSEUM BEYOND BRAZIL'S INDEPENDENCE
EPHEMERIDES

Mariah Martins¹
Paulo Vinicius Aprígio da Silva²
Regina Dantas³

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e registrar a relevância da gestão administrativa realizada na equipe da direção do Museu Nacional/MN da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ em relação à reconstrução da instituição, tendo como contextualização a aparição do Museu nos momentos das distintas comemorações da Independência do Brasil. Por estarmos às vésperas das comemorações do Bicentenário da Independência do país, propomos uma reflexão do papel do Museu no Bicentenário, passando pela apresentação da Cápsula do Tempo existente na frente da entrada da instituição (na Quinta da Boa Vista). Na ocasião, atualizaremos o leitor sobre as ações realizadas pela equipe da direção do Museu Nacional em relação à reconstrução da instituição e o brindaremos com a marcante intenção deste Museu de discutir uma proposta de encapsulamento do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão da Reconstrução; Cápsula do Tempo; Bicentenário da Independência.

ABSTRACT

The present work aims to present and record the relevance of the administrative management carried out by the management team of the National Museum/MN of the Federal University of Rio de Janeiro/UFRJ in relation to the reconstruction of the institution, having as context the appearance of the Museum in the moments of the different celebrations of the Independence of Brazil. As we are on the eve of the commemorations of the country's Bicentennial of Independence, we propose a reflection on the role of the Museum in the Bicentennial, including the presentation of the Time Capsule in front of the institution's entrance (in Quinta da Boa Vista). On that occasion, we will update the reader on the actions carried out by the National Museum's management team in

¹ Chefe de Gabinete da Direção do Museu Nacional / UFRJ. Doutora e mestra em História das Ciências pelo HCTE da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduada em História pela UFRJ. Atualmente desenvolve pesquisas sobre a formação de campos do conhecimento interdisciplinares, em especial a Conservação de bens culturais, sua história e teoria. A pesquisa de doutoramento debate a formação da área de conservação de bens culturais a partir da relação de conceitos chave e como estes estarão presentes na prática preservacionista.

² Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Colégio Pedro II - Campus São Cristóvão III. Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre e doutor pelo Programa de Pós-graduação em História das Ciências das Técnicas e Epistemologia. Atua na área de História das Ciências, Educação, Patrimônio e memória, com ênfase nos seguintes temas: História das Ciências no Brasil, História das Instituições Científicas Brasileiras, História do Museu Nacional da UFRJ, História do Paço de São Cristóvão, História do bairro de São Cristóvão, Educação e Patrimônio.

³ Professora do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia - HCTE/UFRJ (desde 2012), Professora Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Geociências - Patrimônio Geopaleontológico/PPGEO (desde 2018) e Historiadora do Museu Nacional. Doutora em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ (2012). Realizou Pós-doutorado na mesma Universidade (2013). Aposentada como Técnica em Assuntos Educacionais da UFRJ (2017).

relation to the reconstruction of the institution and we will toast the reader with the remarkable intention of this Museum to discuss a proposal for the encapsulation of time.

KEYWORDS: Reconstruction Management; Time Capsule; Bicentennial of the Independence of Brazil.

1. INTRODUÇÃO

Vive-se no tempo das incertezas. Antes mesmo da pandemia do Coronavírus tornar-se um imperativo na trajetória da humanidade, as promessas de futuro que se construíam não apontavam para um horizonte de seguranças. Ainda que a promessa de progresso e bem estar que se consolidou no século XX reverberasse enquanto mantra, os sinais da falência desses projetos já se faziam presentes: alterações climáticas, disputas territoriais, crises hídricas, extinção de espécies, crescimento do desemprego, fome, miséria.

No *hall* dos contextos que se apresentaram como presente na transição para o século XX, o caos pandêmico só veio reafirmar que na impossibilidade de concretização de um futuro auspicioso, a retomada, e comumente a idealização do passado pode ser um importante instrumento na construção das narrativas sobre o hodierno.

Efemérides,⁴ são mais que datas comemorativas; são um recorte na vida cotidiana para saudação dos símbolos que nos constituem coletivamente. Portanto, em 1922, por exemplo, organizou-se uma grande exposição na capital do Brasil para saudar a passagem dos cem anos do processo de Independência do Brasil⁵, de forma acelerada, modernizada e iluminada, na esteira da realização da Reforma Pereira Passos⁶. “Se as reluzentes máquinas eram o orgulho maior dos expositores do século XIX, no século XX, quem dava as cartas era a ciência, expressa na confiabilidade dos dados estatísticos, nas maravilhas da química e nas luzes da eletricidade” (MOTTA, 1992).

No dia 7 de setembro de 1922, houve a primeira transmissão radiofônica no Brasil por ocasião do centenário da Independência:

O discurso do presidente Epitácio Pessoa foi transmitido por meio de uma antena instalada no morro do Corcovado e alcançou receptores em Niterói, Petrópolis e São

⁴ Efemérides - Comemoração de um fato, geralmente auspicioso. CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 4ª Edição. Lexikon, Rio de Janeiro: 2012.

⁵ Sobre a Exposição Internacional do Centenário da Independência em 1922 no Brasil, ver a dissertação de Araci Alves Santos, TERRA ENCANTADA: A Ciência na Exposição do Centenário da Independência do Brasil, 2010.

⁶ Sobre a Reforma, ver: <http://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php/biografia/trajetoria-cientifica/na-diretoria-geral-de-saude-publica/reforma-pereira-passos>.

Paulo. Nascia ali o rádio brasileiro, com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Edgar Roquette-Pinto [ex-diretor do Museu Nacional].

Naquele momento, o Estado republicano brasileiro construía uma narrativa própria sobre os capítulos do rompimento das amarras coloniais que existiam com Portugal apontando para o futuro enquanto projeto: nos pavilhões que foram espalhados pelas ruas do Rio de Janeiro era possível encontrar elementos que representavam a grandeza e prosperidade do país.

Na área histórica de fundação e desenvolvimento da Cidade, nos arredores da Praça XV de Novembro, o desmonte do Morro do Castelo era apontado como representação de superação de um certo passado – colonial, imperial e monárquico – que três décadas após o 15 de novembro de 1889 já parecia estar enterrado enquanto projeto.

Portanto, em um ano repleto de acontecimentos, como por exemplo: a Semana de Arte Moderna (11 e 18/02/1922); a fundação do Partido Comunista Brasileiro/PCB (25/03/1922) e a revolta do Forte de Copacabana (5/07/1922); foram envolvidos esforços para realizar exposição para comemorar o Centenário da Independência do Brasil.

2. DO SESQUICENTENÁRIO AO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Uma nova celebração foi organizada 50 anos depois. Em meio ao período mais repressivo do regime militar brasileiro, durante a presidência do general Emilio Garrastazu Médici (1969/74), foi organizado um conjunto de eventos (CORDEIRO, 211, p. 1) que marcariam a passagem dos 150 anos da Independência do Brasil, o sesquicentenário, que assim como nos acontecimentos de 1922, era uma nova visita ao passado para constituição das narrativas sobre o presente.

Naquele contexto, de supressão de liberdades individuais e coletivas, de censura e aplicação da violência institucional do Estado como ferramenta de controle social e político, identifica-se a construção de narrativas de conciliação e elogio. Os militares produziram novos significados sobre o otimismo em relação ao Brasil (FICO, 1997, p. 18). Nessa perspectiva, podemos afirmar que a propaganda era, e é, uma importante estrutura na sustentação dos regimes.

Portanto, o calendário oficial de eventos do Sesquicentenário incluía: a confecção de longa-metragem acerca do processo de independência; a realização de torneio internacional de futebol; a reedição de obras concernentes à emancipação política; inauguração de obras

públicas; desfiles cívico-militares e escolares e um grande teatro que envolvia o traslado dos restos mortais de D. Pedro I para o Brasil, assim como seu trânsito pelas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Isso incluindo velório no Paço de São Cristóvão (O Cruzeiro, 1972, p. 4-7) com a construção de todo um ritual fúnebre celebrativo.

A cerimônia com a assinatura do termo de entrega dos despojos régios pelos governantes de Brasil e Portugal, às 11:25. Logo depois, às 11:30, o esquife com os restos mortais de d. Pedro I chegou ao Monumento, onde permaneceu até às 12:15, quando foi transportado em veículo bélico do Exército para o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. A chegada dos restos mortais de d. Pedro I foi assistida por cerca de 5 mil pessoas, que suportaram o atraso de 40 minutos na entrega dos despojos e mais o cerimonial (que durou cerca de uma hora).⁵ Nos meses seguintes, os despojos de d. Pedro I peregrinaram pelas capitais de todos os estados e territórios brasileiros, conforme o anexo “Excursão fúnebre”. (ALMEIDA, 2009, p. 2).

Entretanto, a marca que existe até hoje no conjunto arquitetônico do Museu Nacional dessa comemoração, contudo, não foi fruto das propostas oficiais e nem foi lançado em 1972. Referimo-nos à Cápsula do Tempo colocada na Quinta da Boa Vista.

Quando gira o ponteiro do relógio o tempo avança. Uma frase com tempo marcado, afinal, quem hoje procura o relógio para medir as horas? Por onde correm os ponteiros? É ancestral a relação da humanidade com o tempo. Não é difícil encontrar na fundação das cosmogonias dos povos que deixaram vestígios que chegaram até nós explicações para essa manifestação que acompanha a trajetória da humanidade enquanto espécie.

Fosse pela necessidade de organização do manejo dos campos de trigo no processo de sedentarização no Crescente Fértil, fosse pela necessidade de estabelecer uma organização viável para a administração ferroviária durante as fases iniciais da Revolução Industrial esteve lá como elemento imperativo da existência, passivo de sistematização, de descrição, de organização, de mensuração, mas nunca de controle. Implacável, imponderável, incontornável: senhor, mestre, divindade.

Conforme tornou-se elemento na constituição das narrativas que vieram a se tornar hegemônicas, ou vencedoras, a partir dos projetos coloniais e neocoloniais que se constituíram entre os séculos XVI e XIX, o tempo passou a ocupar destaque na construção das legitimidades discursivas sobre o presente, mas principalmente, sobre o passado e o futuro. A adoção do Calendário Gregoriano como elemento organizador da história da humanidade, assim como a deslegitimação e silenciamento das demais formas e processos de organização e mensuração do tempo, são elementos que constituem o hall de convenções que guardam os itinerários de construção dos discursos que se tornavam imperativos.

Pensar a história da humanidade entre antes e depois do nascimento de Cristo é, antes de tudo, um projeto que em algum momento se tornou vitorioso, mas que não nunca foi

consenso. Cada uma de suas categorias, cronológico, psicológico, físico, geológico, religioso, histórico, são tentativas de criação de limites ao incontornável.

Indispensável à história, aquela que foi concebida enquanto disciplina no século XIX, serviu de elemento central na construção de suas narrativas. A divisão quadripartite da história da humanidade, assim como a perpetuação da ideia de fundação do Ocidente em certa experiência, imaginada como greco-romana, acabam por legitimar discursos etnocentros que são perpetuados até o hodierno.

Campos do saber, nas humanidades (arqueologia e patrimônio, por exemplo) e fora dela, foram todos constituídos a partir dessas premissas. O tempo, enquanto categoria, pode então ser entendido como um elemento central na constituição das narrativas históricas, assim como as disputas existentes ao seu redor.

É no centro dessa relação material entre passado, presente e futuro, que surgem as chamadas Cápsulas do Tempo. Sejam as que guardam intencionalidade, as que não, são receptáculos nos quais por algum motivo e/ou intenção são guardados itens que guardam o registro do seu tempo para um futuro. É a partir do oitocentos e do progresso material alcançado naquele século, no qual perpetuar o presente ganhou contornos de demonstração de poder que se tornaram mais comuns as intencionais.

Enterradas, lacradas, seladas, submersas, esculpidas, ou de outras possíveis materialidades, foram produzidas por ações individuais ou coletivas, institucionais públicas ou privadas muitas vezes podem se tornar objeto de admiração e guarda, assim como podem ser esquecidas, ao sabor dos eventos que se sucedem entre o passado e o futuro que se torna presente.

Quem transitava pelos arredores do Museu Nacional (Instituição científica criada por D. João VI em 6 de junho de 1818), ou mesmo pelos seus corredores, entre finais dos anos 90 e início dos anos 2000 estranhava a placa de metal, e a laje de concreto que a sustenta, que fica à frente do Paço de São Cristóvão – sede do Museu Nacional desde 1892 (Figura 1).

A curiosidade reinava entre visitantes, seguranças, pesquisadoras e demais passantes, mas mesmo entre as mais antigas e antigos da Instituição a narrativa era comum: ninguém sabia dizer ao certo nem o que significa o seu texto, nem o que guardava o seu interior.

O Paço de São Cristóvão foi residência das famílias Real e Imperial (1811-1892), local em que viveu D. João VI, D. Pedro I, Dona Leopoldina, D. Pedro II e Thereza Christina Maria. Após o banimento da família imperial (1889), o palácio abrigou a primeira constituição

republicana (1890) e após a realização dos leilões que definiram o destino dos palácios e seus objetos (1891), virou sede do Museu Nacional. (DANTAS, 2007, 35-55).

Figura 1 – Placa que guarda a Cápsula do Tempo localizada em frente ao Museu Nacional na Quinta da Boa Vista



Fonte: DIAS & BUENO, 2015.

1972

Todos que por aqui passem
proteja esta laje, pois ela
guarda um documento que
revela a cultura de uma
geração e um marco na
história de um povo que soube
construir o seu próprio futuro.

2022

Transcrição: autores.

Diante deste espaço de ciências ter sido o palco de acontecimentos significativos para a história do Brasil, a Cápsula do Tempo ali foi depositada com objetivo de marcar o evento comemorativo aos 150 anos da Independência do país. Ela encontra-se localizada há poucos

metros da entrada principal do Museu Nacional e, conforme já elucidado, a placa passava despercebida pelos frequentadores (visitantes e servidores) da Instituição (Figura 2).

Figura 2 – A placa em frente do Museu Nacional



Fonte: Extra Globo, 2018.

A placa é classificada no Inventário dos Monumentos do Rio de Janeiro na categoria de marcos e obeliscos. “Trata-se de uma construção com uma placa em bronze fixada numa laje de concreto, com as datas de 1972 e 2022. Foi instalada durante as festividades do Sesquicentenário da Independência, tendo em vista o Bicentenário da mesma.” (DIAS, 2017).

Na década de 1990, no Museu Nacional (uma das Unidades da UFRJ) foi criado o *Projeto Memória do Paço de São Cristóvão e do Museu Nacional*, a partir da preocupação de um conjunto de profissionais que aspiravam à existência de um setor envolvido com o passado do Museu e a reconstituição de sua História.

Em 1994, as primeiras atividades do Projeto foram informatização do catálogo já existente, higienização, identificação e acondicionamento de toda a documentação do século XIX. A equipe contava com a colaboração advinda de convênios estabelecidos com o Arquivo Nacional, Colégio Pedro II e Fundação Oswaldo Cruz, além da colaboração de estagiários voluntários provenientes, em sua maioria, dos cursos de História.

No início do século seguinte, o Projeto foi institucionalizado com a criação da Seção e Memória e Arquivo/SEMEAR, que organizou e sintetizou esforços tanto na organização e disponibilização da documentação histórico-institucional para o conjunto de pesquisadoras e pesquisadores do campo da história das ciências e humanidades no Brasil, assim como a produção de pesquisas sobre a história do próprio Museu e sobre o Paço de São Cristóvão.

No ano de 2018, por ocasião de uma entrevista para o jornal Extra Globo, sobre Cápsulas do Tempo enterradas no Rio de Janeiro, a documentação sobre o assunto foi identificada na SEMEAR, incluindo o conteúdo da Cápsula, porém não foi divulgada à imprensa para a guarda dos dados no momento da abertura da Cápsula (no ano previsto), fortalecendo assim o suspense sobre o assunto. Na ocasião, a Instituição se preparava para comemorar seu Bicentenário.

Destaca-se que tanto nas documentações da SEMEAR quanto nos relatórios dos ex-diretores da Instituição (existentes na Biblioteca Central do Museu Nacional), não existiam registros institucionais sobre o período referente à gestão dos seguintes ex-diretores: Luiz de Castro Faria (1964/67); José L. de Araújo Feio (1967/71); Dalcy de Oliveira Albuquerque (1972/76) e Luiz Emygdio de Mello Filho (1976/80); o que dificultou a pesquisa de contextualização da Instituição no período político que o país atravessava.

Portanto, os poucos dados identificados para a contextualização da conjuntura política na ocasião da Cápsula do Tempo estão registrados na **Tabela 1**.

Tabela 1 – Governantes no período da Cápsula do Tempo

ANO DE 1972
- Período do ex-Presidente do Brasil Emílio Garrastazu Médici (1969-1974);
- Período do ex-Governador do Estado da Guanabara Raimundo Padilha (1971-1975);
- Período do ex- Prefeito do Município do Rio de Janeiro Antonio Chagas Freitas (1971-1975 eleição indireta);
- Período do ex-Diretor do Museu Nacional Dalcy de Oliveira Albuquerque (1972-1976).

Entretanto, a hecatombe de 2018⁷, contudo, imprimiu um freio a todas as pesquisas realizadas na SEMEAR, mas, com o interesse em levantar os dados existentes sobre a Cápsula do Tempo, a partir dos indícios encontrados na documentação hoje perdida e que indicavam

⁷ O trágico incêndio ocorrido na instituição em 2 de setembro de 2018.

algum caminho na documentação de periódicos do Arquivo Nacional, foi possível recuperar informações sobre o conteúdo da Cápsula.

Era 8 de janeiro de 1973 quando o programa Flávio Cavalcanti (1923 - 1986) exibido pela extinta TV Tupi, anunciou o depósito da *urna* organizada pelos Diários Associados e pela Cia. Reunida de Comunicação que desenharam o lacramento de objetos, documentos, videotapes, contendo referências do ano de 1972 para o ano das comemorações do Centenário da Independência. Segundo o periódico O Jornal de 3 de janeiro daquele ano, temos:

Nessa urna serão encontradas reportagens dos principais órgãos da imprensa, um disco de Miguel Gustavo⁸ – no qual será gravado o Hino do Sesquicentenário da Independência - filmes e o video-tape do programa que será levado ao ar no próximo dia 8 na TV Tupi, sob o tema “A Herança de uma Geração - Brasil 2022”, quando Chacrinha, Emerson Fitipaldi, Jairrinho, Flávio Cavalcanti, ministro Reis Veloso, Luís Gonzaga, Ciro Monteiro, general Antônio Jorge Correia, profissionais liberais, e o povo em geral estarão prestando depoimentos para a posteridade. (O JORNAL, 1973).

A expectativa criada em torno do fechamento da urna e de seu depósito em frente ao edifício do Museu Nacional era de que em 2022, a Cápsula fosse aberta na ocasião das comemorações dos duzentos anos da Independência. O enterro aconteceu no dia 9 de janeiro de 1973, às 15:30, no horário em que teria acontecido o evento histórico conhecido como Dia do Fico, em 9 de janeiro de 1822, quando D. Pedro I em desacordo com as ordens das Cortes Portuguesas, resolveu permanecer no Brasil.

3. O MUSEU NACIONAL NO BICENTENÁRIO

Em pleno ano de 2022, há poucas semanas da comemoração do Bicentenário da Independência, o Governo Federal ainda não anunciou um protocolo para a abertura da Cápsula do Tempo. A conjuntura política difere do período da ditadura civil militar que imperava no cenário das comemorações do Sesquicentenário, entretanto, o momento é catastrófico para a Cultura, a Ciência, a Educação, mesmo antes de estarmos enfrentando o período pandêmico caracterizado pela COVID-19.

Apesar do cenário caótico pelo qual atravessa as Instituições Federais de Ensino, o diretor do Museu Nacional, o paleontólogo Alexander Kellner, reeleito para a gestão 2022-26, está empenhado em abrir a Cápsula do Tempo (que marca o Bicentenário da Independência), conforme a expectativa histórica registrada na placa, outrossim, em plena atividade pela

⁸ Miguel Gustavo Werneck de Sousa Martins, compositor, jornalista e poeta, havia falecido naquele mesmo ano em 22 de janeiro.

reconstrução do Museu Nacional, com intuito de marcar esse histórico momento de renovação da Instituição.

Uma das expectativas institucionais era ter o Museu Nacional como um ícone nas comemorações do Bicentenário da Independência. Nesse ano a instituição comemorou os 204 anos de existência. Também está registrado em sua história os 04 anos de trabalho de reconstrução após o trágico incêndio. Certamente o principal desejo é encontrar o Museu Nacional em funcionamento, e seria muito feliz que nesse espaço de tempo a instituição pudesse ter seu edifício sede reconstruído, restaurado e as novas exposições instaladas. Rapidamente observou-se que a missão de reconstrução do Museu Nacional não seria nem simples e nem curta. Contudo, o Bicentenário da Independência tornou-se um marco, e quiçá, um incentivo, para a conclusão de uma fase desse processo.⁹

Após hercúleo trabalho desenvolvido por diversas instituições e equipes envolvidas na reconstrução, como a UFRJ, a SAMN, a UNESCO, o Instituto Cultural Vale, o BNDES, e certamente o próprio Museu Nacional, observa-se cada vez mais próxima a efetivação da entrega da fachada do bloco 1 do Paço de São Cristóvão restaurada em setembro de 2022. Essa conclusão deve ser compreendida nos mais diversos significados que possui. As instituições têm trabalhado constantemente contra o tempo que urge em descompasso com as demandas e imponderáveis que surgem diariamente em uma obra de restauração desse porte. De achados arqueológicos a aumentos expressivos nos valores das matérias primas da construção, os desafios foram contínuos visando a necessidade de avançar no planejamento da reconstrução em fases.¹⁰

É um compromisso dos responsáveis pela reconstrução do Museu Nacional que, como parte das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil, a principal fachada do edifício histórico esteja completamente restaurada. O que implica na estética das argamassas, dos símbolos decorativos, construção das esquadrias e pintura, assim como no reforço estrutural completo das paredes externas e internas da edificação. Apesar do grande esforço para que a primeira fase seja integralmente concluída, observou-se a necessidade de garantir uma aproximação cuidadosa e dedicada ao público que aguarda, à distância, a possibilidade de conhecer o Museu Nacional reconstruído.

⁹ MUSEU NACIONAL. Relatório Anual do Museu Nacional - 2019. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/index2.html>. Acesso em: 04 de janeiro de 2022.

¹⁰ PROJETO MUSEU NACIONAL VIVE. Relatório 2020-2021. Disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/destaques/relatorio_mn_vive_2020_2021.html. Acesso em: fevereiro de 2022.

Há um intenso trabalho para que algumas atividades e exposições possam ser apresentadas em setembro de 2022. Divididas em polos, teremos 03 áreas de diferentes atividades e 02 exposições, que apresentarão algumas temáticas singulares ao Museu: educativo; cultural; memória; esculturas; e minerais. A maioria estará na parte externa, da Alameda das Sapucaias ao Jardim Terraço. E na parte interna do Museu, especificamente na sala de abertura, onde se encontra o imponente meteorito Bendegó, atualmente rodeado de madeiras de sustentação e materiais para sua proteção, teremos a exposição de novos minerais adquiridas após o incêndio. Certamente que o maior desafio é garantir a segurança para que visitantes possam circular pela área do Palácio. A fachada central estará liberada, mas o Palácio permanecerá em obras.

Outro destaque está na exposição das esculturas originais das musas, que figuravam na platibanda das fachadas do Palácio, e foram restauradas (Figura 3). A população poderá ver de perto esse importante grupo artístico dos bens integrados ao edifício histórico que se torna acervo expositivo do Museu Nacional. E conhecerá com maiores detalhes o processo técnico, científico e artístico empregado.

Figura 3 – Réplicas das esculturas na oficina de restauração da obra do Palácio



Fonte: registro fotográfico de Mariáh Martins

Espera-se que o visitante possa ser brindado com essa dupla experiência: interagir com uma exposição “aos pés” da majestosa fachada do Paço de São Cristóvão, experienciando as novas peças da coleção de mineralogia, e também as atividades nas áreas externas, podendo ao mesmo tempo admirar o majestoso palácio com as fachadas restauradas.

Os grandes esforços envidados para essas ações não omitem a estranheza pelo afastamento de parte do Poder Público ao planejamento das atividades em andamento e à participação do Museu Nacional na agenda de comemorações do Bicentenário. A Câmara dos Deputados e o Senado Federal possuem comissões próprias para a comemoração. O Governo Federal instaurou uma Comissão Interministerial com a participação da Casa Civil, Ministério do Turismo, Ministério da Educação entre outros.

Todavia, já há poucos meses de setembro, algumas visitas governamentais observaram a relevância em criar no Rio de Janeiro, por meio do Museu Nacional, um outro ponto para as comemorações do Bicentenário da Independência. A inauguração do Museu do Ipiranga, pertencente à Universidade de São Paulo (USP), figura como uma das importantes atividades do evento no país, com toda justiça. Todavia, o Museu Nacional, sediado no edifício histórico onde residiu a Família Imperial, local reconhecido por abrigar as ações da Imperatriz Leopoldina em prol da Independência, deve ser constar nas atividades de comemoração. Felizmente, agora temos a expectativa de apoio para isso.¹¹

Não é surpreendente observar que em 2018 o Bicentenário do Museu Nacional, primeira e mais antiga instituição científica e museal do país, também passou despercebido para o Poder Público, que acabou aparecendo em cena apenas após o dia 02 de setembro de 2018.

O ímpeto segue para a comemoração e datas festivas, porém não é possível negar a perplexidade com as últimas ações governamentais na área da cultura. Enquanto instituições como o Museu Nacional buscam os alicerces para a manutenção institucional, o Governo Federal lança a nova instrução normativa para o Programa Nacional de Apoio à Cultura.¹² A IN 01, de 04/02/2022, representa alteração profunda para as entidades envolvidas com o desenvolvimento de projetos culturais incentivados.

Dentre as principais mudanças que atingem os equipamentos culturais se encontra a impossibilidade de um doador repassar recursos para um mesmo donatário por mais de 02 anos seguidos, a diminuição de números de projetos por um mesmo proponente, e a limitação do valor de contratos com uma mesma empresa, determinações que praticamente impossibilitam

¹¹ <https://www.gov.br/pt-br/noticias/cultura-artes-historia-e-esportes/2022/03/governo-federal-tem-agenda-de-atividades-para-comemorar-o-bicentenario-da-independencia-do-brasil>.

¹² SECULT/MTUR. Instrução Normativa SECULT/MTUR nº 1, de 4 de fevereiro de 2022.

a realização de grandes projetos como as restaurações de monumentos históricos. Acompanhamos ainda a dificuldade em manter o cronograma de fases de um projeto de tamanha complexidade atualizado quando o órgão fiscalizador não faz um acompanhamento continuado. Os fatos vivenciados comunicam a instabilidade sentida para os responsáveis e envolvidos com o projeto ambicioso e amplo compreendido como a reconstrução do Museu Nacional.

Apesar das extremas dificuldades presenciadas, há boas notícias nos últimos anos e excelentes perspectivas para os entusiastas do projeto. Em março de 2020 foi oficializada a Estrutura de Governança instituída para gerenciar o **Projeto Museu Nacional Vive** (PMNV) de restauração e reconstrução do Museu Nacional. A Governança é composta pelo Museu Nacional, a UFRJ, a UNESCO e o Instituto Cultural Vale. Essa cooperação foi um importante passo para viabilizar as atividades do projeto e vem mobilizando outros parceiros (Figura 4). Um projeto dessa magnitude necessita de esforços contínuos e ampliados para sua manutenção. Os desdobramentos dessas ações possibilitaram a articulação para o evento das comemorações do Bicentenário.¹³

Figura 4 – Visita de parceiros às obras do Palácio



Fonte: Projeto MNV

Numa outra perspectiva do suporte do Poder Público, a Prefeitura do Rio de Janeiro está promovendo a manutenção de bens históricos e da infraestrutura do Parque da Quinta da Boa

¹³ O website do PMNV apresenta a linha do tempo dos processos relativos às ações da reconstrução. Ver: <https://museunacionalvive.org.br/linha-do-tempo/>

Vista, escolhido como o centro das atividades das comemorações promovidas pela Prefeitura. O Parque que possui administração da Prefeitura tem em sua conservação relevância fundamental para o Museu, que dispõe como visitante primordial os mesmos que constantemente ocupam o Parque. Como demanda antiga será muito importante observarmos os portões e monumentos restaurados, assim como banheiros, quadras e vias conservadas. Outra importante parceria será um possível apoio na montagem do palco próximo ao Museu Nacional para realização de atividades culturais.¹⁴

Cabe destacar a realização da Reunião Internacional de Museus de História Natural em junho, organizada pelo Instituto Goethe, se inseriu nos eventos de comemorações do Bicentenário, com base na parceria com o Museu Nacional.

As exposições citadas anteriormente pretendem reavivar memórias do público relativas ao Museu. Divulgar as práticas científicas e acervos da instituição. Aproximar o visitante ao acompanhamento junto às obras e projetos de reconstrução.

A abertura da Cápsula do Tempo ocorrerá instigando o público para a reflexão sobre o país, a partir das perspectivas do passado e da transformação para o futuro. Outro estímulo dado será a observação sobre o que se pretende apresentar na nova cápsula. Assim, a abertura será realizada com a imediata formação de comitê para estudar e estabelecer o que deverá compor a nova cápsula do tempo, a ser aberta em 2072.

As ações em prol da reconstrução institucional se unem às motivações para a comemoração do Bicentenário da Independência. Devemos avançar para além dos sentimentos de tristeza pela tragédia vivenciada, sem jamais esquecê-la, mas felicitar o desenvolvimento da reconstrução da instituição que vive todo o período do Brasil nação, observando a oportunidade em reconhecer os processos de formação social por meio do desenvolvimento institucional e trajetórias científicas. Aproveitando para repensar as formas de fazer ciência e as práticas museológicas e educativas que possam contribuir para a vida dos cidadãos brasileiros.

A entrega de uma parte singular do Paço de São Cristóvão restaurado pode representar o quanto nossos complexos projetos necessitam de empenho, proveito e perseverança para serem alcançados (Figura 5).

¹⁴ <https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-lanca-projeto-com-aco-es-para-marcar-o-bicentenario-da-independencia-do-brasil/>.

Figura 5 – Museu Nacional – Paço de São Cristóvão com fachadas parcialmente liberadas após o restauro



Fonte: registro fotográfico de Mariáh Martins

A vida social é construída em processos, por fases distintas que geralmente se interligam e podem ser confundidas. Em partes vamos nos construindo. Eventos e fatos podem marcar esse processo. Serão interpretados, como temos feito com a efeméride da Independência do Brasil.¹⁵ Trazer à reflexão o que foi compreendido e o que se desejou compreender de um determinado evento histórico como esse nos faz pensar sobre o que agora podemos compreender e o que queremos ser. Assim como refletir sobre que partes temos desenvolvido para alcançar os objetivos futuros. É iminente planejarmos o futuro que desejamos experienciar para alcançar nossos anseios como indivíduos e comunidade.

A pergunta que fica é como tratar o tempo para que ele esteja a nosso favor. Como “encapsular o tempo” para que o passado, o presente e o futuro estejam contribuindo ao melhor desenvolvimento social.

Ao adentrar o prédio histórico do Museu Nacional dificilmente não sentirão a força das alvenarias que se mantiveram. Paredes antigas, com forte estrutura, indicando as sólidas bases

¹⁵ Uma leitura atualizadamente crítica da Independência conservadora, a realizada em 1822, com a manutenção da escravidão e o pacto com os grandes proprietários monocultores. Com o protagonismo do homem branco com representações eurocêntricas. É como interpretamos o mito da independência brasileira.

construídas nas pedras sedimentadas nas ações de escravizados. Representam a permanência de nossa história, nosso conhecimento, nosso fazer científico, nossa capacidade de desenvolver saberes. Da mesma forma que desejamos nosso olhar para o passado, que saibamos observar as bases, as forças e fraquezas, e também encontrando ali o que nos constitui e nos dá referência.

Por agora, mantemos o cuidado atencioso às fragilidades da estrutura e à adequação e melhoramento da funcionalidade atual, pelo reforço estrutural que todas as paredes históricas recebem, e ainda pela projeção de como o espaço poderá guardar suas referências arquitetônicas históricas, mas ser um local de atividades atuais, com as demandas modernas a serem acolhidas. Assim como devemos atuar no tempo presente, atentos às ações e processos em andamento, conhecendo nossas deficiências e atuando nessas, em permanente trabalho para o atendimento a nossos compromissos socioculturais.

Para o futuro? Realmente desejamos encontrar as melhores propostas concluídas, tendo novas possibilidades de diálogos por meio de exposições e atividades que nos permitam reconstruir ideias e compreensões sobre nossa sociedade. Demonstrando as tensões, disputas e contradições existentes na construção do conhecimento. Estar em permanente repensar a partir das contribuições da comunidade que acompanhará o Museu Nacional em sua nova ambiência.

Pretende-se ter, cada vez mais, como participantes ativos, os indivíduos e grupos que permaneceram na história da instituição e do país como objetos de estudo e personagens secundários, tendo-os nesse futuro como produtores de conhecimento a ser semeado amplamente. Desejamos um futuro mais justo e digno a todo e qualquer indivíduo. Desejamos um futuro de artes, saberes e práticas compartilhadas e diversificadas em suas potencialidades. Um futuro em que o Museu Nacional e outras instituições científicas, educacionais e culturais possam cumprir suas missões de utilidade pública, contribuindo mais e mais para um mundo mais digno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cem anos atrás o país olhava para 1822 enquanto projeto de futuro. Cinquenta anos atrás, olhava-se para 1822 enquanto confirmação do presente. O que diziam aqueles de 1972 para os de 2022? Hoje, nas vésperas das comemorações de 2022, estamos discutindo os alcances simbólicos de comemorar-se o bicentenário do rompimento das relações de dominação colonial com os portugueses e a independência.

O Museu Nacional da UFRJ esteve envolvido nos diferentes momentos das comemorações da Independência do Brasil, o que muito engrandece a instituição com o seu caráter de abrangência nacional.

Destacamos então, a Cápsula do Tempo (colocada em 1972) por ser um marco temporal que servirá para apresentar os objetos que foram selecionados para registrar a intenção do governo daquele período. Posteriormente, uma nova Cápsula do Tempo servirá para a direção do Museu Nacional registrar seu momento atual e as perspectivas para o futuro da instituição.

Cabe ressaltar que a reeleição da atual diretoria representou a continuidade das ações de gestão inicialmente implementadas após o trágico incêndio. Foi garantida a execução dos projetos de reconstrução da sede da instituição – o Paço de São Cristóvão – além de uma forte política de acolhimento de novos acervos.

Portanto, no presente artigo, não foram medidos esforços para resumir os passos realizados pela direção do Museu Nacional visando dar continuidade ao funcionamento administrativo com vistas à reconstrução da instituição. Parcerias e governança foram ações primordiais para a sustentação financeira do Museu.

Por fim, acreditamos terem sido apresentados as principais práticas da gestão de uma das Unidades da UFRJ em pleno momento de reconstrução física e organizacional com vistas a cumprir seu papel junto à sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.T. de O Regime Militar em Festa: A Comemoração do Sesquicentenário da Independência Brasileira (1972). 2009. **Tese** (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Primeira transmissão de rádio no Brasil completa 94 anos**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/469402-primeira-transmissao-de-radio-no-brasil-completa-94-anos/#:~:text=No%20dia%20de%20setembro,Niter%C3%B3ria%20Petr%C3%B3polis%20e%20S%C3%A3o%20Paulo>. Acesso em: setembro-2021.

CORDEIRO, J.M. As comemorações do Sesquicentenário da Independência em 1972: uma festa esquecida? **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH: São Paulo, julho 2011.

DANTAS, Regina M.M.C. A Casa do Imperador: Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional. Rio de Janeiro: 2007. **Dissertação** (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

DIAS, V. & BUENO, A. **Os Monumentos do Rio de Janeiro: Inventário 2015**. (Victor Burton -organizador). 1ª ed. 2015. Rio de Janeiro: Nau das Letras. 2015.

DIAS, V. **Inventário dos Monumentos RJ**. 2017. Disponível em: <http://inventariosmonumentosrj.com.br/index.asp?iMENU=catalogo&iiCOD=667&iMONU=C%C3%A1psula%20do%20Tempo%20na%20Quinta%20da%20Boa%20Vista>. Acesso em dezembro- 2019.

EXTRA.GLOBO. **O Rio tem centenas de cápsulas do tempo enterradas**. 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/rio-tem-centenas-de-capsulas-do-tempo-enterradas-22887060.html>. Acesso em: setembro-2021.

FICO, C. **Reinventando o Otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FIOCRUZ. **Reforma Pereira Passos**. Disponível em: <http://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php/biografia/trajetoria-cientifica/na-diretoria-geral-de-saude-publica/reforma-pereira-passos>. Acesso em: agosto-2021.

MOTTA, M.S. da. **"Ante-sala do paraíso", "vale de luzes", "bazar de maravilhas" - a Exposição Internacional do Centenário da Independência (Rio de Janeiro - 1922)**. Rio de

Janeiro: CPDOC, 1992. 22f. Trabalho apresentado no Seminário "Cenários de 1922", promovido pelo CPDOC, Rio de Janeiro, 19-20 nov. 1992.

O CRUZEIRO, 26 de abril de 1972, p. 7.

O JORNAL, 3 de janeiro de 1973.

RIO DE JANEIRO (município). O livro de ouro - Comemorativo do Centenário da Independência e da Exposição Internacional de 1922. **Anais do Conselho Municipal**, Editora Anuário do Brasil/Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, 1923